

BOLETIM DE CONJUNTURA

67

preços de venda

carteira de encomendas

estado dos negócios

2011

4º TRIMESTRE

produção e utilização da capacidade

tendências

peçoas ao serviço

A P I C C A P S

ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DOS INDUSTRIAIS DE CALÇADO
COMPONENTES E ARTIGOS DE PELE E SEUS SUCEDÂNEOS

A maioria das empresas inquiridas entende que o estado actual dos negócios é suficiente. No entanto, como não poderia deixar de acontecer, a indústria de calçado não é insensível à conjuntura económica pouco favorável que se vai vivendo, tanto a nível nacional, como internacional, e que se reflecte nomeadamente no encurtamento da carteira de encomendas. O abrandamento da actividade económica não permitiu ainda, no entanto, o arrefecimento das pressões altistas relativas ao preço das matérias primas, questão que continua no topo das preocupações sectoriais.

Para o primeiro trimestre de 2012, as empresas não esperam alterações significativas na situação, admitindo que se acentuem as limitações decorrentes da debilidade da procura, o que se reflecte, inevitavelmente, nas suas perspectivas em matéria de produção e emprego.

Publicação Trimestral editada pela



ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DOS INDUSTRIAIS DE CALÇADO
COMPONENTES E ARTIGOS DE PELE E SEUS SUCEDÂNEOS

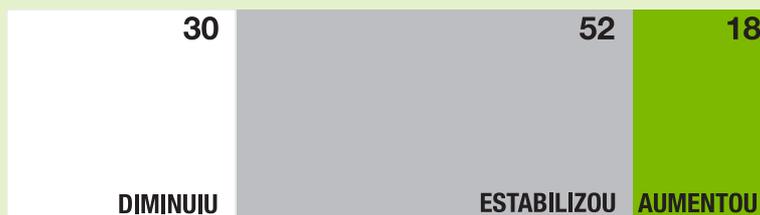
Com o apoio do programa COMPETE

Coordenação Técnica

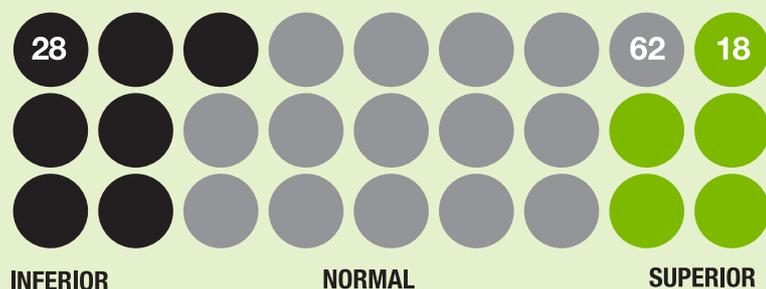
CEGEA - Centro de Estudos de Gestão e Economia Aplicada da
Universidade Católica Portuguesa, Porto

Produção

Tal como as empresas tinham previsto no período anterior, no 4º trimestre de 2011 a produção da indústria de calçado mostrou uma tendência de redução, com o saldo entre a percentagem de empresas que dizem que aumentou e diminuiu (s.r.e. - saldo de respostas extremas) a ser negativo em 12 pontos percentuais (p.p.). No entanto, a maioria das empresas (52%) diz que a produção estabilizou.



Utilização da Capacidade



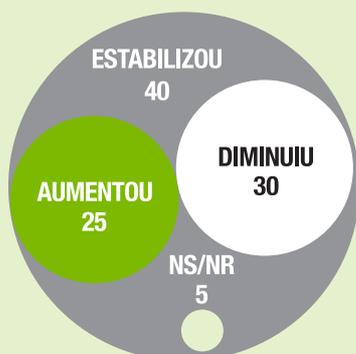
O nível de utilização da capacidade produtiva caiu substancialmente: embora mais de 60% das empresas digam que foi normal para a época do ano, as que dizem que esteve abaixo do normal superaram em 18 p.p. as que afirmaram o inverso. Este saldo é o mais baixo dos últimos dois anos.

Carteira de encomendas

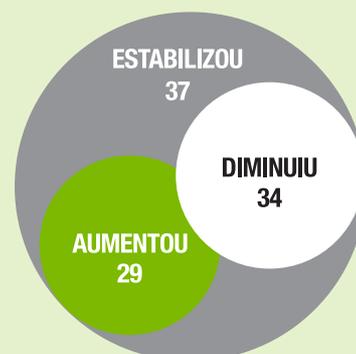
Depois da queda acentuada no último trimestre, a carteira global de encomendas voltou a apresentar uma tendência de redução, embora menos acentuada, com o saldo de respostas extremas a ser de -5p.p. As empresas com maior peso da coleção própria nas vendas conseguiram uma melhor performance, nesta matéria, com as que se lhe dedicam em exclusivo a apresentarem mesmo um s.r.e. positivo.

A carteira de encomendas do estrangeiro teve uma evolução muito semelhante: recuou, mas menos do que no 3º trimestre, e as empresas que vendem mais coleção própria apresentaram melhor performance do que as restantes. As empresas dividiram-se de forma relativamente equilibrada entre as respostas “aumentou”, “estabilizou” e “diminui” mas o saldo de respostas extremas foi de -5p.p., em linha com as previsões formuladas no final do trimestre anterior.

CARTEIRA GLOBAL DE ENCOMENDAS



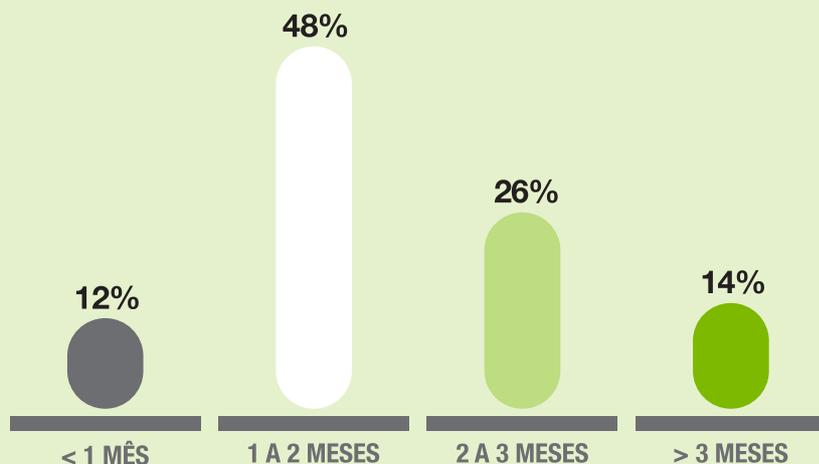
CARTEIRA DE ENCOMENDAS DO ESTRANGEIRO



Horizonte

PRODUÇÃO ASSEGURADA POR ENCOMENDAS

A contração das encomendas levou a uma nova redução do tempo de produção assegurada: 60% das empresas dizem ter agora até 2 meses de produção assegurada pela carteira, a percentagem mais alta dos últimos 2 anos, por contrapartida de uma redução na percentagem das que dizem ter carteiras mais longas. Como nota positiva, a percentagem das que dizem ter menos de 1 mês garantido mantém-se relativamente baixa (12%), tendo mesmo registado uma ligeira redução face ao trimestre anterior.



Preços

A alteração na conjuntura é também patente nas respostas relativas à evolução dos preços em Portugal: depois de 7 trimestres consecutivos em que as empresas que indicavam um aumento dos preços superavam as que apontavam no sentido contrário, no último trimestre de 2011 este saldo foi negativo em 5 p.p. Já quanto aos preços no estrangeiro, as indicações de aumento superaram ainda as de diminuição, embora por uma margem muito diminuta (2%). A larga maioria das empresas afirma, contudo, que os preços estabilizaram.

EM PORTUGAL



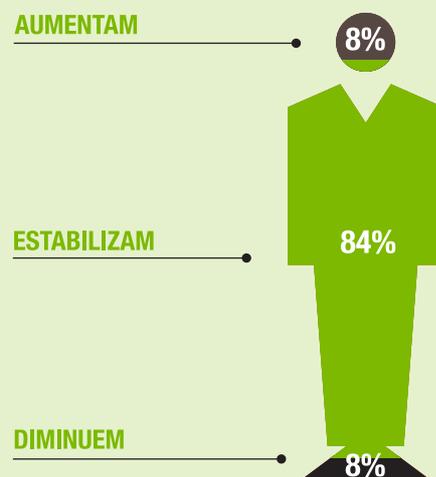
NO ESTRANGEIRO



Pessoas ao serviço

PREVISÃO DE EMPREGO

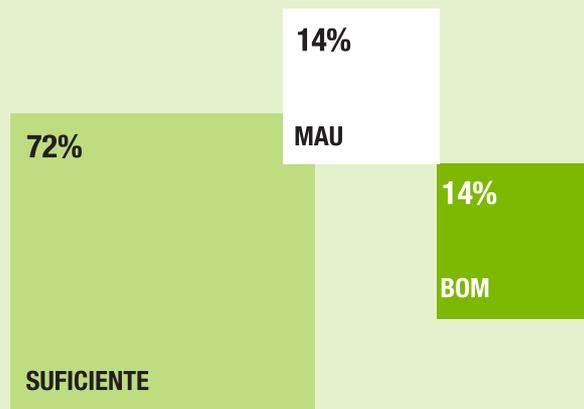
Também a evolução do emprego na indústria de calçado traduz a alteração da situação conjuntural. Depois uns inéditos 7 trimestres consecutivos de crescimento, o número de pessoas ao serviço estabilizou: 84% das empresas afirmam que se manteve inalterado e as restantes dividem-se em igual número entre as opções de aumento e diminuição. As respostas sobre este tema foram tendencialmente mais negativas entre as empresas mais orientadas para os mercados externos.



Estado dos negócios

Apesar da evolução predominantemente negativa da maioria dos fatores anteriormente analisados, quase três em cada quatro empresas (72%) entendem que o estado atual dos negócios é suficiente e as restantes dividem-se em igual número entre a opinião de que é bom e é mau. O saldo de respostas extremas nulo agora encontrado continua a tendência de diminuição que se vem verificando desde meados de 2010.

A maioria das empresas (56%) considera que o estado de negócios permanece sensivelmente igual ao verificado há um ano atrás. No entanto, as que pensam que é pior são já 25%, enquanto as que entendem que é melhor não vão além de 19%, originando o segundo saldo de respostas extremas negativo consecutivo, nesta matéria, traduzindo a tendência de degradação da conjuntura setorial.



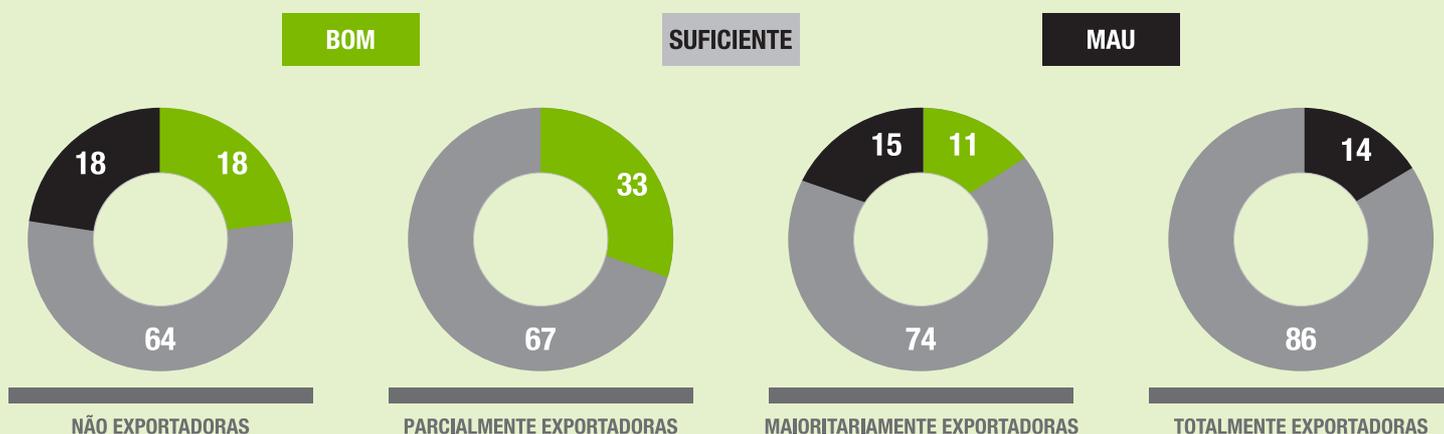
PERÍODO HOMÓLOGO



I.I. - Estado dos negócios por dimensão da empresa, orientação de mercado e peso da colecção própria nas vendas.

Apesar da situação difícil da economia portuguesa, as opiniões das empresas sobre o estado dos negócios são tendencialmente mais negativas entre as mais orientadas para os mercados externos.

Neste trimestre, o s.r.e. é exatamente idêntico em todas as classes de dimensão, não se verificando também nenhuma relação clara entre o peso da colecção própria nas vendas e a opinião sobre o estado dos negócios.



Limitações à produção

Em consonância com a situação anteriormente descrita, a percentagem de empresas que dizem não ter enfrentado nenhuma dificuldade caiu 3 p.p., para 20%, o nível mais baixo desde o início de 2008. Simultaneamente, as empresas que se queixam de dificuldades financeiras aumentaram para 13%.

Apesar da redução da produção, que sugeriria um abrandamento da pressão nos mercados dos fatores, a percentagem de empresas que indicaram o preço das matérias-primas como uma das suas principais limitações aumentou para 40%, pelo que este fator continuou a liderar a lista dessas limitações, como já tinha acontecido nos dois trimestres anteriores. Também as referências a dificuldades no abastecimento de matérias-primas aumentaram, para 23%, colocando-as na 4ª posição entre as limitações mais relevantes.

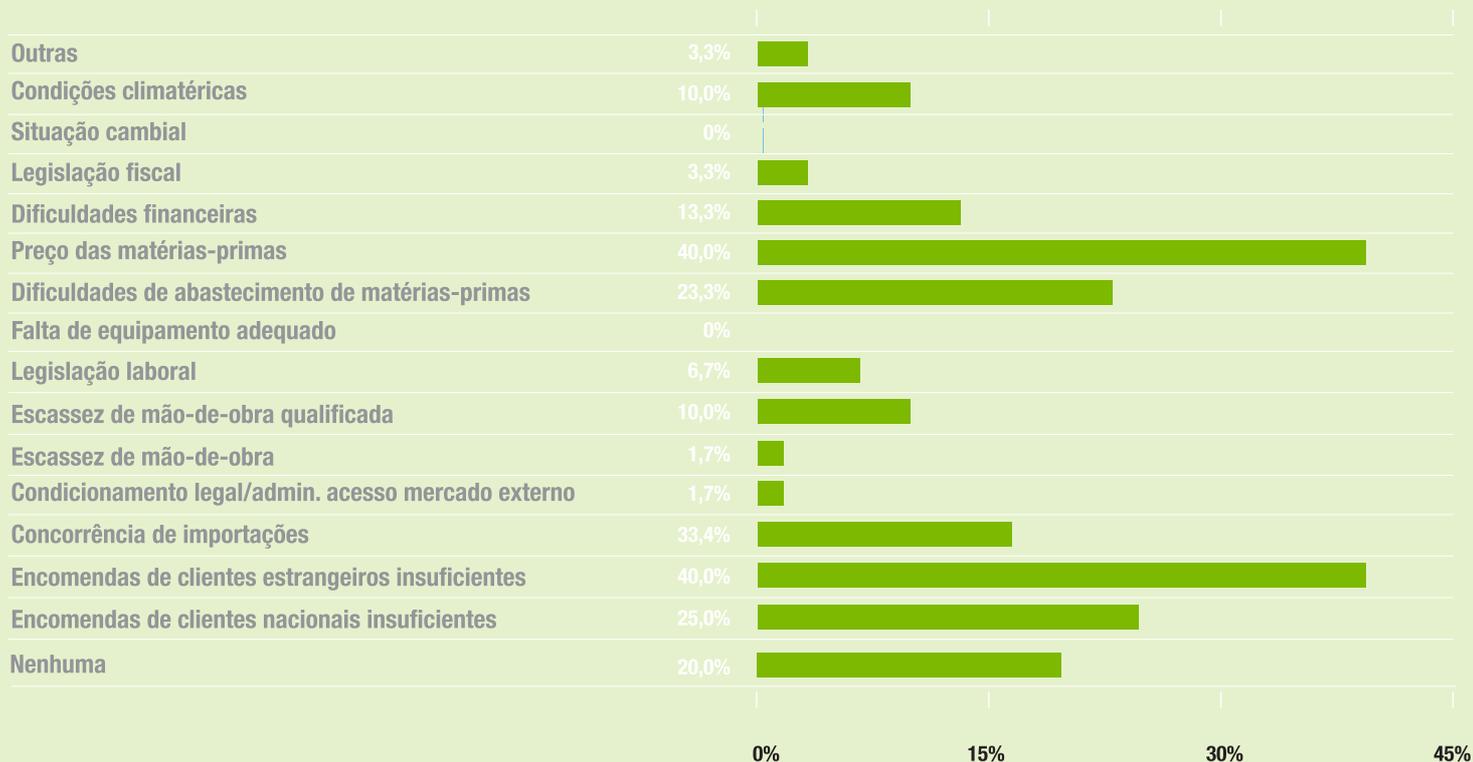
Em contrapartida, caíram acentuadamente as referências à insuficiência de mão de obra: apenas 2% dos inquiridos mencionaram a sua falta e os que indicaram escassez de mão de obra qualificada ficaram-se pelos 10%, o valor mais baixo dos últimos dois anos. Nenhuma empresa mencionou a falta de equipamento adequado, como vem sendo habitual.

As limitações de mercado mantiveram-se entre as principais preocupações do setor mas, surpreendentemente, em face da evolução negativa da carteira de encomendas, sem agravamento significativo face ao passado recente.

A insuficiência de encomendas do estrangeiro foi mencionada por 40% dos inquiridos, o que a coloca, a par do preço das matérias-primas, na liderança das preocupações empresariais.

A insuficiência de encomendas nacionais, por sua vez, foi referida por uma em cada quatro empresas, sendo a terceira dificuldade mais citada. Em contrapartida, continuaram a diminuir as referências à concorrência das importações que caíram para 17%, o valor mais baixo desde o início do século.

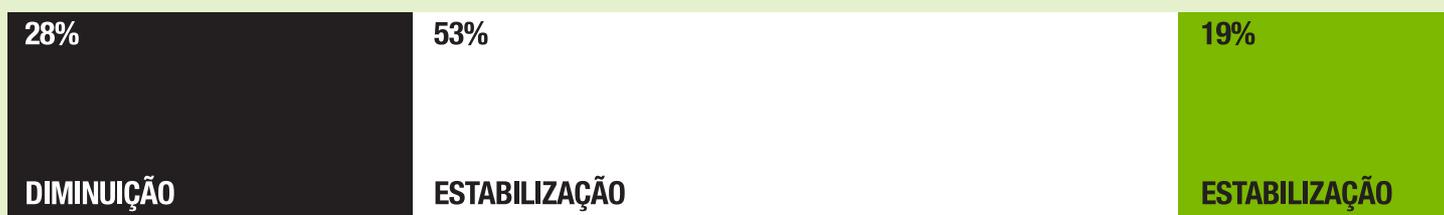
Entre as restantes limitações, é de mencionar um novo aumento nas referências às condições climáticas, que preocupam 10% das empresas.



Tendências da produção

A maioria dos inquiridos (53%) espera manter a sua produção no primeiro trimestre de 2012. No entanto, entre os que não pensam assim, predominam as respostas de sentido negativo, originando um s.r.e. de -9p.p., pelo que se prevê uma nova redução da produção do setor.

Esta tendência provém essencialmente das empresas que repartem as vendas entre Portugal e o estrangeiro, uma vez que as que vendem exclusivamente para um ou outro apresentam s.r.e. positivo.

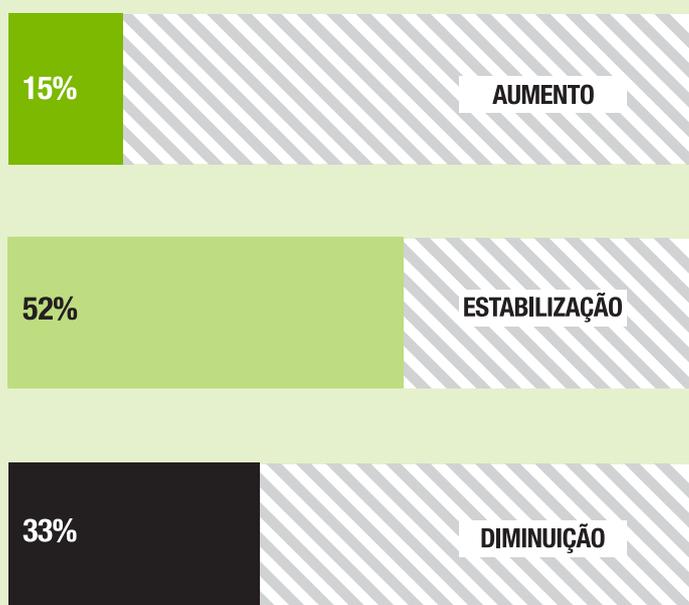


Perspetivas de Encomendas

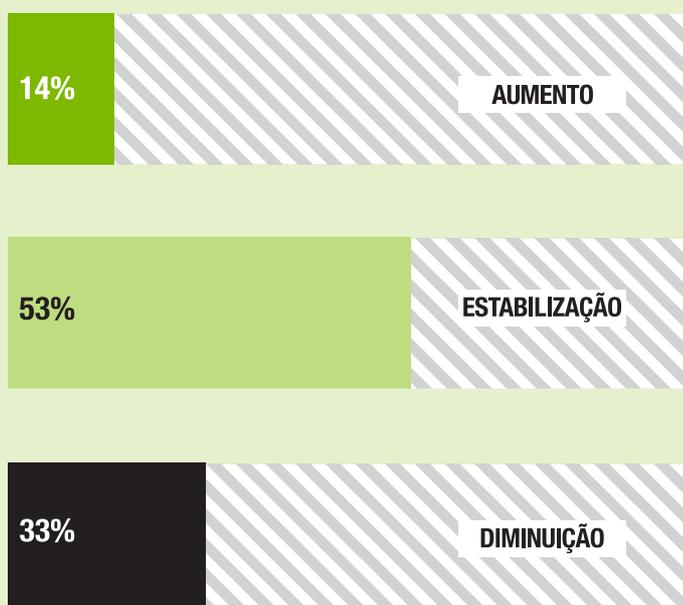
Quanto à carteira global de encomendas, as previsões de estabilização são também ligeiramente maioritárias (52%). Contudo, o s.r.e. é de -18p.p., o que é o terceiro valor mais negativo, para esta variável, desde que se realiza este inquérito, sugerindo uma forte tendência de contração. As empresas que vendem exclusivamente coleção própria distinguem-se favoravelmente, com um s.r.e. nulo.

As perspetivas relativas à carteira de encomendas do estrangeiro são praticamente idênticas: uma ligeira maioria das empresas aponta para a estabilização (53%) e o s.r.e. é um pouco mais negativo (-19p.p.). Este foi o terceiro trimestre consecutivo em que este saldo se agravou.

PREVISÃO CARTEIRA GLOBAL DE ENCOMENDAS



PREVISÃO CARTEIRA DE ENCOMENDAS DO ESTRANGEIRO

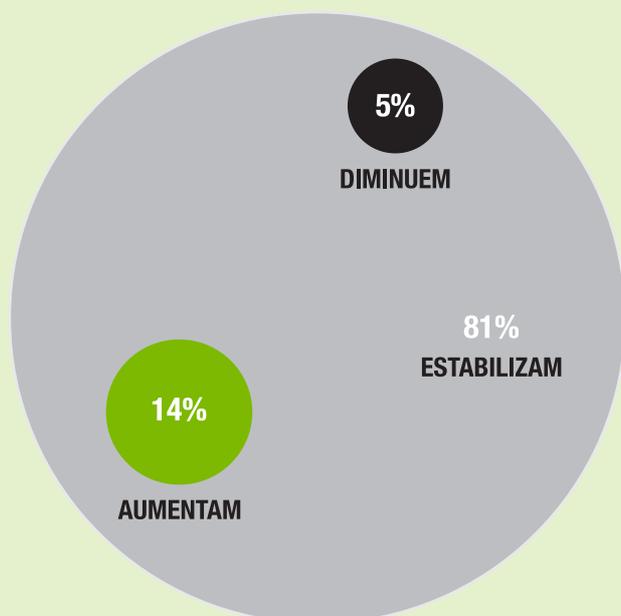


Perspetivas de preços de venda

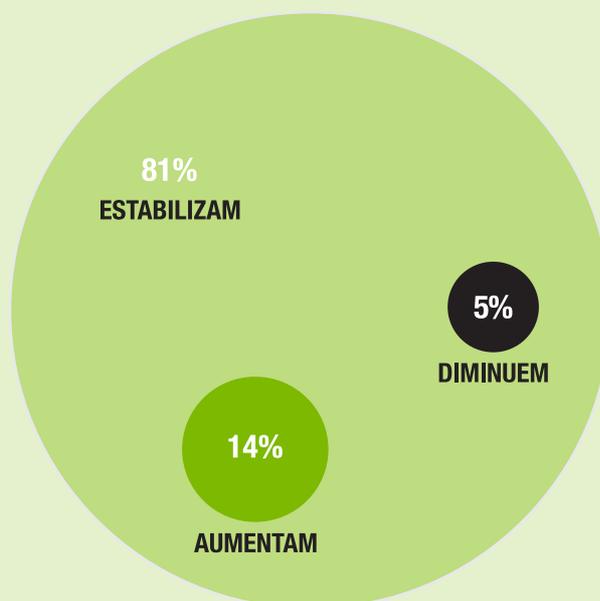
Quatro em cada cinco empresas (81%) acreditam que, no início de 2012, os preços em Portugal se vão manter estáveis. No entanto, ao contrário do ocorrido no trimestre agora terminado, as empresas que preveem o seu aumento são mais numerosas do que as que receiam a sua diminuição, gerando um s.r.e. de +9p.p.

Os resultados relativos aos preços no estrangeiro são idênticos. As empresas que vendem exclusivamente coleção própria são as únicas que apresentam um saldo de respostas extremas negativo.

PREVISÃO DE PREÇOS EM PORTUGAL

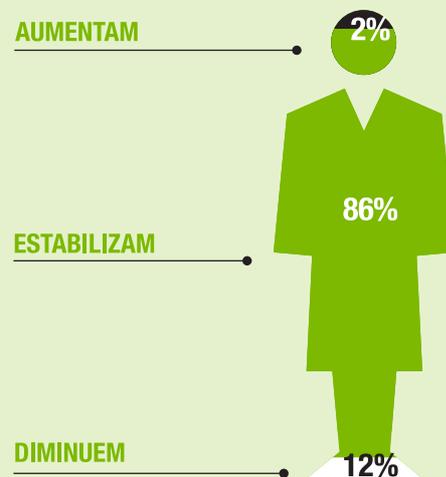


PREVISÃO DE PREÇOS NO ESTRANGEIRO



Perspetivas sobre o emprego

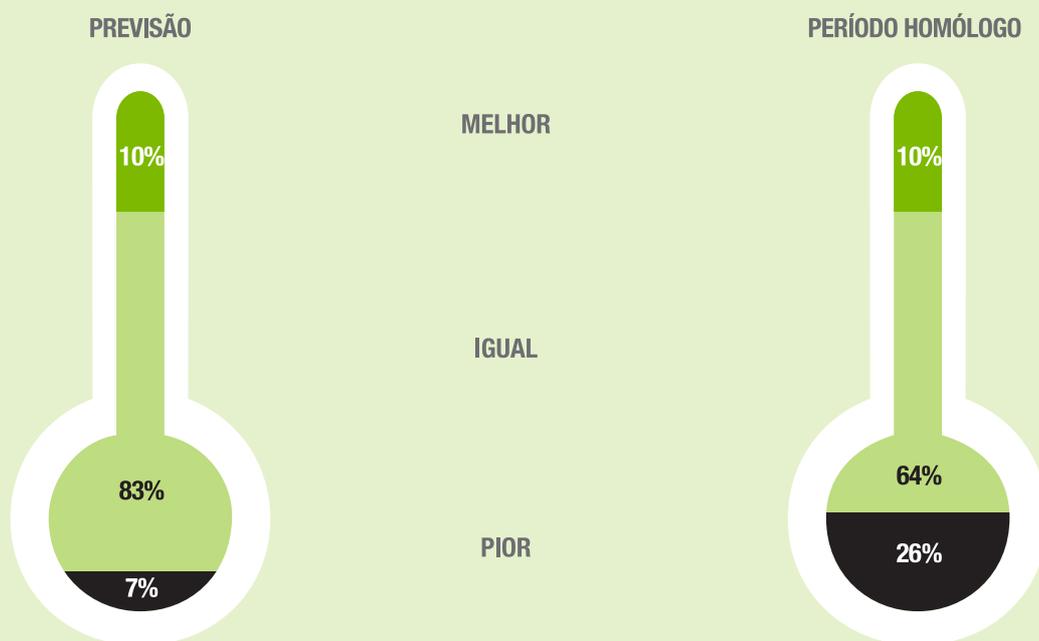
Também no que respeita às perspetivas de evolução do número de pessoas ao serviço, a larga maioria dos inquiridos aponta para a estabilidade (86%). A quase totalidade dos restantes preveem, todavia, a sua diminuição, sendo o s.r.e -10p.p. Só entre as empresas que se dedicam exclusivamente à exportação e que vendem exclusivamente coleção própria se encontram algumas referências ao aumento do emprego.



Perspetivas sobre o estado dos negócios

Apesar das perspetivas desfavoráveis para a produção, a carteira de encomendas e o emprego, as previsões relativas ao estado dos negócios são ainda positivas: 83% das empresas acreditam que será suficiente e as que pensam que será bom excedem em 3p.p. as que pensam que será mau.

No entanto, os sinais de degradação da conjuntura são claros quando as empresas comparam o estado de negócios previsto para o próximo trimestre com o verificado um ano antes: neste caso, embora dois terços das empresas prevejam que a situação seja idêntica, o s.r.e. é de -16p.p., o mais negativo dos últimos dois anos e meio.



Apuramento dos resultados

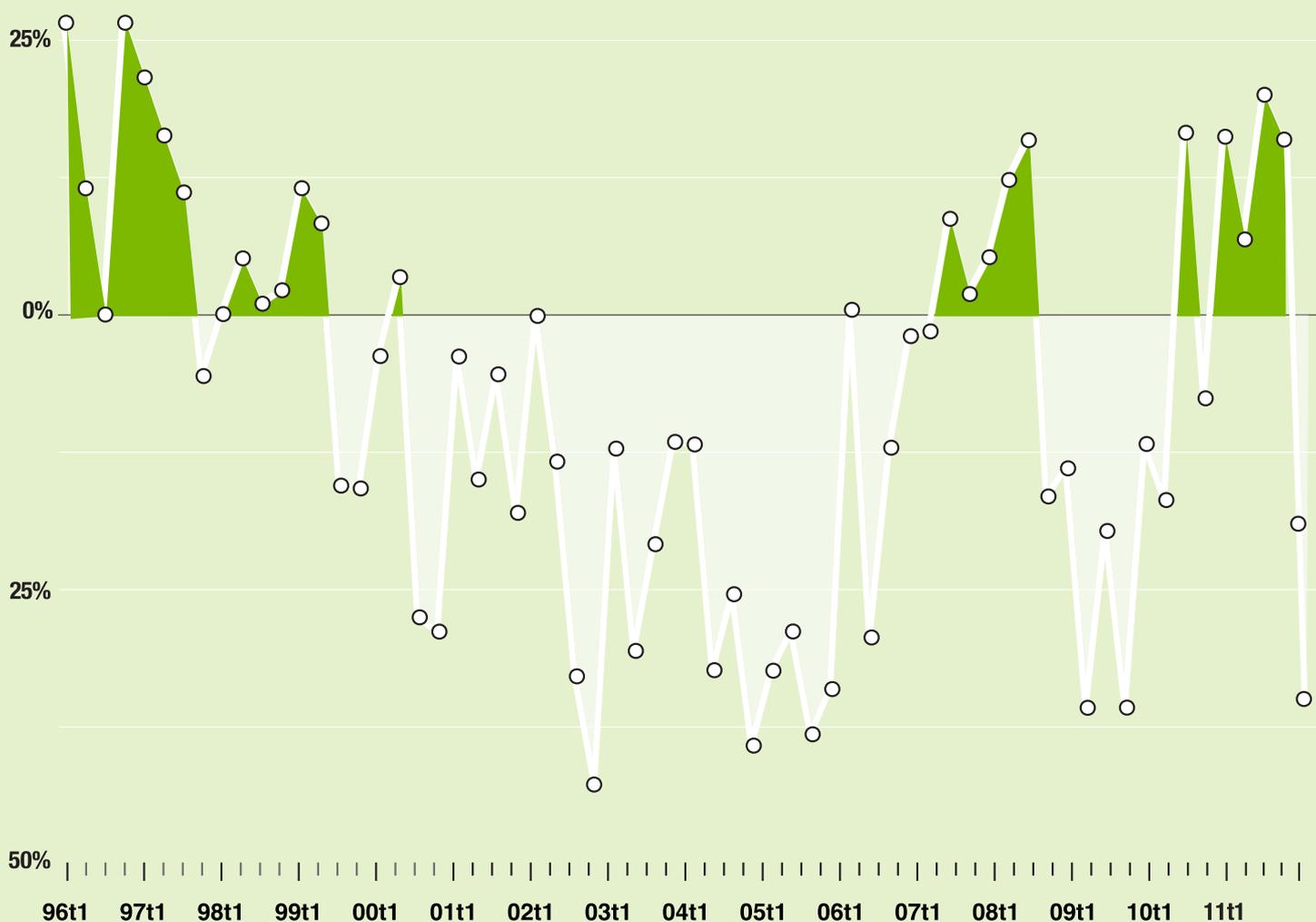
De forma algo surpreendente, tendo em conta as dificuldades que se perspetivam para a economia portuguesa, é entre as empresas que dirigem a maioria do seu volume de negócios para o estrangeiro que se encontram previsões mais pessimistas quanto ao estado dos negócios no primeiro trimestre de 2012.



Indicador de síntese

Expectativas empresariais

Depois da queda abrupta que apresentou no trimestre passado, o Indicador Síntese de Expectativas Empresariais volta agora a registar uma nova quebra acentuada, descendo para -32p.p., o seu valor mais negativo desde meados de 2009.



Para o primeiro trimestre de 2012, os inquiridos esperam o agravamento das dificuldades que os afligiram no final de 2011: quase metade das empresas preveem defrontar-se com insuficiência de encomendas de clientes estrangeiros (48%) ou com dificuldades com o preço das matérias-primas (47%).

Também a insuficiência de encomendas de clientes nacionais (28%) e a concorrência das importações (18%) são previstas por mais empresas do que as que se defrontaram com elas no trimestre passado. Mas o aspeto mais marcante das previsões relativas às limitações que serão sentidas no próximo trimestre é a percentagem das empresas que preveem não enfrentar nenhuma limitação: apenas 13%, o valor mais baixo desde o início do século.

Notas de Conjuntura

O enquadramento macroeconómico da atividade da indústria de calçado não se apresenta favorável. A atividade económica em Portugal está em contração e prevê-se que continue a declinar no futuro próximo. No plano externo, a zona euro deverá estar a passar por uma breve recessão, prevendo-se uma recuperação ligeira para a segunda metade do ano.

O Instituto Nacional de Estatística publicou, em janeiro de 2012, a sua Síntese Económica de Conjuntura relativa a dezembro do ano anterior. Segundo o INE, com a única exceção dos relativos às trocas internacionais, os indicadores disponíveis apontam para a deterioração da situação económica nacional:

“Em Portugal, o indicador de clima económico voltou a agravar-se em dezembro, mantendo o acentuado movimento descendente iniciado em outubro de 2010 e atingindo o mínimo da série. O indicador de atividade económica, disponível até novembro, prolongou o perfil negativo observado desde setembro de 2010. O indicador de consumo privado apresentou uma redução mais intensa em novembro, refletindo os contributos negativos do consumo corrente e do consumo duradouro. No mesmo mês, o indicador de FBCF registou uma diminuição mais expressiva, em resultado do contributo mais negativo de todas as componentes, mais significativa no caso da construção. Relativamente ao comércio internacional de bens, em termos nominais, as exportações e importações registaram variações homólogas de 15,1% e -3,6% em novembro (15,4% e -0,8% no mês anterior), respetivamente.”

Instituto Nacional de Estatística, Síntese Económica de Conjuntura, dezembro de 2011

De acordo com as previsões apresentadas, no seu Boletim Económico de inverno, pelo Banco de Portugal a curto ou médio prazo não é de esperar uma melhoria significativa da situação:

“As projeções publicadas neste artigo apontam para uma contração da economia portuguesa em 2011 e 2012 [-1,6% e -3,1%], seguida de uma virtual estagnação em 2013 [0,3%]. Esta contração da atividade económica, a qual não tem precedente na economia portuguesa, traduz uma queda significativa da procura interna, tanto pública como privada, num quadro de ajustamento dos desequilíbrios macroeconómicos básicos. A forte contração da procura interna é acompanhada por um crescimento significativo das exportações, o qual não é no entanto suficiente para compensar o impacto do ajustamento dos níveis de procura por parte dos agentes residentes, num quadro de desalavancagem do setor privado e consolidação orçamental. (...)”

A composição da despesa agregada da economia alterar-se-á significativamente ao longo do horizonte de projeção. As condicionantes de origem interna implicarão uma queda da procura interna privada, que traduz uma contração sem precedente do consumo privado, em particular do consumo de bens duradouros, depois de um período prolongado de crescimento acima do PIB, e do investimento privado (tanto empresarial como residencial). A queda acumulada do volume de consumo público no período 2011-2013 será da ordem de 7,5 por cento, contrastando com o aumento persistente registado no passado. Ao longo deste período, assume-se a continuação da redução das despesas de investimento das Administrações Públicas. Em sentido contrário, as exportações deverão manter um crescimento próximo do considerado para a procura externa dirigida à economia portuguesa, sendo mesmo a única componente da procura agregada a registar taxas de crescimento positivas ao longo de todo o horizonte de projeção.”

Banco de Portugal, Boletim Económico, inverno de 2011

Três prestigiados institutos económicos europeus - Ifo (Alemanha), Insee (França e Istat (Itália) - publicaram, em meados de janeiro, a sua previsão para a evolução da economia da zona euro que aponta para que se esteja a atravessar uma curta recessão.

“(…) A confiança dos empresários e dos consumidores deteriorou-se acentuadamente desde agosto de 2011. As crescentes tensões acerca das dívidas soberanas provocaram um choque de confiança e as condições de financiamento para os agentes privados começaram a apertar-se. Adicionalmente, a procura externa abrandou (...). Consequentemente, a produção industrial caiu entre agosto e outubro (-2,0%). Dados os fracos indicadores de sentimento económico, a esperada desaceleração nas exportações e as previsíveis restrições fiscais adicionais em muitos estados membros, a produção industrial no conjunto da união deverá cair mais 2,1% nos próximos dois trimestres. (...)”

O crescimento do PIB na zona euro manteve-se fraco, no terceiro trimestre de 2011 (+0,1%) e prevê-se que o produto se contraia nos próximos trimestres. Isto reflete pressões negativas dos mercados financeiros, consolidação orçamental e enfraquecimento da procura externa. Prevê-se que o PIB caia 0,3% e 0,2%, respetivamente, no quarto trimestre de 2011 e no primeiro de 2012, antes de estabilizar no segundo trimestre de 2012.”

Ifo, Insee e Istat, Euro-zone Economic Outlook, janeiro de 2011

**PORTU
GUESE
SHOES**

**DESIGNED BY
THE FUTURE**

